

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

KEDILEN DUTRA DA SILVA BOTELHO

**O ARCO E A LIRA: O SIGNO POÉTICO, A PALAVRA E A EVOCAÇÃO NAS
NOTAS MANUSCRITAS DO DOSSIÊ BAUDELAIRE**

PORTO ALEGRE
2022

KEDILEN DUTRA DA SILVA BOTELHO

**O ARCO E A LIRA: O SIGNO POÉTICO, A PALAVRA E A EVOCAÇÃO NAS
NOTAS MANUSCRITAS DO DOSSIÊ BAUDELAIRE**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Carmem Luci Da Costa Silva

PORTO ALEGRE

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos André Bulhões Mendes

VICE-REITORA

Patricia Pranke

DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Hélio Ricardo do Couto Alves

VICE-DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Alex Niche Teixeira

DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Carmem Luci da Costa Silva

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Márcia Montenegro Velho

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Luziane Graciano Martins

CIP - Catalogação na Publicação

Dutra da Silva Botelho, Kedilen
O ARCO E A LIRA: O SIGNO POÉTICO, A PALAVRA E A
EVOCAÇÃO NAS NOTAS MANUSCRITAS DO DOSSIÊ BAUDELAIRE /
Kedilen Dutra da Silva Botelho. -- 2022.
99 f.
Orientador: Carmem Luci da Costa Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Linguística. 2. Literatura. 3. Émile Benveniste.
4. Signo poético. 5. Evocação. I. da Costa Silva,
Carmem Luci, orient. II. Título.

KEDILEN DUTRA DA SILVA BOTELHO

**O ARCO E A LIRA: O SIGNO POÉTICO, A PALAVRA E A EVOCAÇÃO NAS
NOTAS MANUSCRITAS DO DOSSIÊ BAUDELAIRE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Porto Alegre, 4 de novembro de 2022.

Resultado: A

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva
Instituto de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Orientadora/Presidente da banca)

Prof. Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino
Instituto de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Luiza Ely Milano
Instituto de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Sabrina Vier
Centro de Ciências da Comunicação
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – externa

Para minha vó Joana, que aprendeu a amarrar meus cabelos para que eu fosse à escola.
Para minha tia Ilona, pedra do sonho.

AGRADECIMENTOS

Todo encontro é intervenção — toda intervenção é um mergulho na experiência. As “notas” compiladas nesta dissertação testemunham justamente isso. Um encontro com Émile Benveniste. Um encontro com a pesquisa. Um encontro com o Brasil. Um encontro com a fratura exposta de uma sociedade. De alguma forma, nessas notas de pesquisa, estão ecos desses encontros que intervieram em mim e que fizeram com que no processo de mergulhar, o ar não faltasse e ainda houvesse fôlego. Então, para os meus respiros, é preciso dirigir a palavra em agradecimento por estarem comigo — apesar de mim.

À minha vó Joana Dutra, *in memoriam*. Porque era ela, porque era eu. Por aprender a pentear meus cabelos para me levar à escola. Por pagar a mensalidade da biblioteca pública municipal para que eu pudesse ler e por me levar até lá toda a semana para escolher minhas leituras. Por ter me ensinado que a maior alegria na vida de uma professora pode ser assistir à alfabetização de um aluno. Por ter me deixado querer ser como ela, professora, quando crescesse. Por ter me passado o “bastão” de professora da família. Por ter sido mastro quando o mundo me fugiu. Por me fazer, antes de ser meu nome, neta da Professora Joana.

À minha mãe, Cláudia Dutra, *in memoriam*. Por ter me sonhado antes de tudo.

À minha tia Ilona Dutra, *in memoriam*. Por ter sido a pedra do sonho. Por sempre me ver como uma *Clarissa* do Veríssimo. Por permitir, assim como minha vó, que eu sonhasse ser como ela quando crescesse.

À Sophia. Por me fazer a sua Yáyá.

À Vitória. Pelo reencontro. Por ser minha irmã.

Ao André. Pelo encontro definitivo.

À Camila. Pela amorosidade. Pelo acalanto. Por ser referência para mim.

À Francielle. Pelo colo. Pela coragem.

À Luiza. Por estar à altura da vida. Por me devolver para mim.

À Mariazinha. Por sempre estar.

À Nathalie. Pela ajuda com a tradução das passagens em grego nas notas manuscritas.

Ao Thiago. Pela generosidade de caminhar ombro a ombro. Pela palavra assertiva.

À Márcia. Pela delicadeza com que se move.

Ao bando do Leitura em Voz Alta. Por ter sido corpo mesmo em meio a uma pandemia por meio da voz e da escuta.

Ao Professor Antonio Sansa. Por ser referência quando penso em uma sala de aula.

Ao Prof. Diego Grando. Por me ensinar a aprendizagem da escuta da poesia de Baudelaire.

Ao Professor Guto Leite. Por intervir.

À Profa. Daiane Neumann. Pela generosidade da acolhida em seu grupo de estudos e em suas disciplinas na Universidade Federal de Pelotas.

À Profa. Julia Hartmann. Pela paciência nas aulas de francês que possibilitaram a leitura dos manuscritos de Benveniste.

À Profa. Luiza Milano. Por ser um ser instigante e instigado. Por generosamente me dar o lado para assumir o lugar da inquietação e da dúvida.

À banca deste trabalho. Pela escuta.

À Profa. Carmem Luci, minha orientadora de iniciação científica, trabalho de conclusão de curso e mestrado. Por me conduzir na pesquisa desde o início.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Instituto de Letras e ao Programa de Pós-graduação em Letras. Por me formarem professora e pesquisadora.

À Comissão de Ações Afirmativas do Programa de Pós-graduação em Letras. Pela possibilidade de pensar a Universidade coletivamente.

Ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e à presidenta Dilma Rousseff. Pelos doze anos de governo que permitiram que eu fosse o *Eu* que diz *Eu* e não o *Ele* da pesquisa.

Ao contribuinte brasileiro, que torna possível não só a Universidade pública, as bolsas de pesquisa, mas também o Sistema Único de Saúde e a possibilidade de estarmos vivos em uma pandemia e intervindo no conhecimento mesmo diante do negacionismo e de uma pandemia.



Bicho Em Si, Lygia Clark (1962).

*“um poema não é mais
do que uma pedra que grita”
— Ana Martins Marques*

“Dizem que a primeira frase de um discurso é sempre a mais difícil. Bem, ela já ficou para trás. Mas tenho a sensação de que as frases ainda por vir – a terceira, a sexta, a décima e assim por diante, até a última linha – serão igualmente difíceis, pois tenho de falar sobre poesia. Falei muito pouco sobre o assunto – quase nada, de fato. E sempre que falei me veio a furtiva suspeita de que não sou muito boa nisso. Portanto, minha palestra será bem curta. A imperfeição é mais fácil de tolerar em doses pequenas.”

— Wislawa Szymborska

RESUMO

O presente trabalho interessa-se pela literatura abordada pelo ponto de vista da Linguística, sobretudo da teoria da linguagem de Émile Benveniste e suas interlocuções com o signo saussuriano. Nesse sentido, tomamos as notas manuscritas de Benveniste transcritas e publicadas por Chloé Laplantine na obra nomeada **Baudelaire** (2011) como objeto de estudo. As perguntas disparadoras desta reflexão são: *como o signo poético pode ser entendido no manuscrito Baudelaire? Considerando o debate sobre signo linguístico, nas obras de Saussure e Benveniste, como pensar o signo poético?* Diante disso, o objetivo geral é *investigar no manuscrito Baudelaire como podem ser entendidos, considerando o pensamento inacabado do linguista sírio-francês, a significação e o funcionamento do signo poético*. A partir daí, derivam três objetivos específicos: a) verificar como estudiosos exploraram as notas manuscritas de **Baudelaire** para destacarem noções e conceitos chaves nessas notas, com o propósito de construir um ponto de vista para este trabalho; b) compreender como o signo é concebido na teorização benvenistiana levando em consideração termos e noções relacionadas em textos do linguista, como também em relação à noção de signo saussuriana e, por fim, c) analisar como o signo poético é concebido por Benveniste a partir de um exame das notas do dossiê Baudelaire. Haja vista os objetivos e as perguntas norteadoras da pesquisa, o percurso teórico-metodológico a ser desenvolvido diz respeito a um estudo intrateórico, sendo analisadas as notas reflexivas ligadas às formulações teóricas (FENOGLIO, 2019). Assim, a entrada no manuscrito se dará pelo viés conceitual, cujos critérios são, primordialmente, a noção de *signo poético* atrelada à noção de palavra, seguida dos princípios da *significação*, do *funcionamento* e da *evocação*. Para tanto, o estudo organiza-se em três capítulos. Em um primeiro momento, buscamos estabelecer as bases teórico-metodológicas para a leitura dos fólhos; para isso, revisitamos estudos que já tomaram o dossiê Baudelaire como objeto de estudo com a finalidade de compreender as chaves de leitura mobilizadas pelos pesquisadores, como também suas análises, para o trabalho com os manuscritos benvenistianos. Em um segundo momento, exploramos o signo linguístico na teorização de Ferdinand de Saussure para colocar em relação com a reflexão proposta por Émile Benveniste. Em um terceiro momento, adentramos nos manuscritos do linguista sírio-francês, tendo como ponto de partida o fólho fº 5 / fº 57, para examinar como o linguista compreende o que denomina de *signo poético* e sua relação com a noção de *evocação*. Os resultados sugerem que Émile Benveniste *rumina* (FENOGLIO, 2019) o signo poético, trazendo a ideia de que este é materialmente idêntico ao signo linguístico, porém, forma e sentido engendram-se distintamente em relação à dupla significante e significado, descrição conhecida do signo linguístico saussuriano. Desse modo, a díade supracitada não é suficiente para a descrição do signo poético, precisando ser repensada de forma trina ao se identificar a propriedade de *evocação* da língua poética, que não é uma característica suplementar a ser acrescida ao domínio semiótico, mas sim uma faculdade individual e específica (DESSONS, 2006). Benveniste, nas notas manuscritas de Baudelaire, traz o signo poético como contendo a seguinte tríade: a evocação, o evocante e o evocado. Sendo assim, o linguista defende que o signo poético, engendrado no funcionamento do discurso poético, evoca uma “realidade” criada pela sensibilidade e emoção, que se atrela à experiência poética. Está-se, enfim, diante da língua de um só poeta, que não envolve somente o partilhado socialmente. Finalmente, este estudo espera contribuir com os estudos da linguagem desenvolvidos a partir da teoria da linguagem benvenistiana que propõem uma interlocução com os estudos literários visando uma teoria da linguagem que possa ter efeitos em uma teoria da literatura.

Palavras-chave: Émile Benveniste; dossiê Baudelaire; signo poético; evocação.

RESUMEN

El presente trabajo se interesa por la literatura abordada desde un punto de vista de la lingüística, sobre todo de la teoría del lenguaje de Émile Benveniste y sus interlocuciones con la noción de signo saussuriana. En ese sentido, tomamos los manuscritos de Benveniste transcritos y publicados por Chloé Laplantine en la obra nombrada **Baudelaire** (2011), como objeto de estudios. Las preguntas disparadoras de esa reflexión son: *¿cómo el signo poético puede ser entendido en el manuscrito Baudelaire? ¿Considerando los debates sobre el signo lingüístico, en las obras de Saussure y Benveniste, cómo pensar el signo poético?* Delante de eso, el objetivo general es *investigar en el manuscrito Baudelaire cómo pueden ser entendidos, considerando el pensamiento inacabado del lingüista franco-sirio, la significación y el funcionamiento del signo poético*. Desde ahí, derivan tres objetivos específicos: a) verificar cómo los estudiosos exploraron los manuscritos de **Baudelaire** para que señalen nociones y conceptos claves en esos apuntes, con el propósito de construir un punto de vista para este trabajo; b) comprender cómo el signo está concebido en la teorización benvenistiana teniendo en cuenta los términos y nociones relacionadas en los textos del lingüista, como también con relación a la noción de signo saussuriana y, por fin, c) analizar cómo el signo poético es concebido por Benveniste a partir de un análisis de los apuntes del dossier Baudelaire. Considerando los objetivos y las preguntas orientadoras de la investigación, el percurso teórico-metodológico a ser desarrollado dice respecto a un estudio intra teórico, bajo el análisis de los apuntes reflexivos enlazados a las formulaciones teóricas (FENOGLIO, 2019). De tal modo, la entrada en el manuscrito ocurrirá desde una perspectiva conceptual, cuyos criterios son, esencialmente, la noción de *signo poético* atada a la noción de *palabra*, en que se siguen las nociones de *significación*, de *funcionamiento* y de *evocación*. Para ello, el estudio se organiza en tres capítulos. En un primer momento, buscamos establecer las bases teórico-metodológicas para la lectura de los folios; para lo cual volvemos a los estudios que ya tomaron el dossier Baudelaire como objeto de estudio con la finalidad de comprender las claves de lectura movilizadas por los investigadores, así como sus análisis, para el trabajo con los manuscritos benvenistianos. En un segundo momento, examinamos el signo lingüístico en la teorización de Ferdinand de Saussure para ponerlo en relación con la reflexión propuesta por Émile Benveniste. En un tercer momento, adentramos en los manuscritos del lingüista franco-sirio, definiendo como punto de partida el folio f° 5 / f° 57, para averiguar cómo el lingüista comprende lo que denomina como *signo poético* y su relación con la noción de *evocación*. Los resultados sugieren que Émile Benveniste *rumia* (FENOGLIO, 2019) el signo poético trayendo la idea de que es materialmente idéntico al signo lingüístico, sin embargo, forma y sentido se engendran distintamente con relación al significante y al significado, descripción conocida del signo saussuriano. De este modo, la díada citada no es suficiente para la descripción del signo poético, necesitando ser repensada de una manera trina al identificarse la propiedad de evocación de la lengua poética, que no es una característica suplementaria a ser añadida al dominio semiótico, sino que una facultad individual y específica (DESSONS, 2006). Benveniste, en los apuntes manuscritos de Baudelaire, describe al signo poético conteniendo la siguiente tríada: la evocación, el evocante y el evocado. De esa manera, el lingüista defiende que el signo poético, engendrado en el funcionamiento del discurso poético, evoca una “realidad” creada por la sensibilidad y la emoción, que se enlazan a la experiencia poética. Se está, al fin, ante la lengua de un solo poeta, que no involucra solamente lo compartido socialmente. Por último, esta investigación espera contribuir con los estudios del lenguaje desarrollados con base en la teoría del lenguaje de Benveniste que proponen una interlocución con los estudios literarios aspirando una teoría del lenguaje que pueda tener efectos en una teoría de la literatura.

Palabras clave: Émile Benveniste; dossier Baudelaire; signo poético; evocación;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da árvore e do cavalo (SAUSSURE, 2012, p. 105).**Erro! Indicador não definido.**

Figura 2: Representação do significante e do significado (SAUSSURE, 2012, p. 107). **Erro! Indicador não definido.**

Figura 3: Transcrição e tradução de nota de Émile Benveniste encontrada junto ao dossiê das Últimas Aulas no Collège de France. Fonte: FENOGLIO (2019, p. 206).**Erro! Indicador não definido.**

SUMÁRIO

DE ONDE NASCEM AS IDEIAS	14
CAPÍTULO UM	22
Dissemelhantes mas tangentes: a composição de um pensamento ou um itinerário de leitura	22
1.1 Enfim, o dossiê baudelaire: o objeto de estudo	23
1.2 A poética ética e política da língua: o ponto de vista da poética do discurso	Erro! Indicador não definido.
1.2.1 Chloé Laplantine	Erro! Indicador não definido.
1.2.2 Gérard Dessons	Erro! Indicador não definido.
1.3 Uma gênese parcial porque impossível: o ponto de vista da genética do texto	Erro! Indicador não definido.
1.4 Plasmar um olhar: o ponto de vista dos estudos brasileiros	Erro! Indicador não definido.
1.4.1 A concepção de poesia nas notas do Dossiê	Erro! Indicador não definido.
1.4.2 As línguas não nos oferecem de fato senão construções diversas do real: o caso da referência	Erro! Indicador não definido.
1.4.3 O encontro entre Linguística e Linguagem	Erro! Indicador não definido.
1.4.4 Poéticas em contiguidade: Émile Benveniste e Henri Meschonnic	Erro! Indicador não definido.
1.4.5 O discurso poético como um problema linguístico em Benveniste	Erro! Indicador não definido.
1.5 O salto de trapézio: síntese e constituição do ponto de vista	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO DOIS	23
NÃO SOMENTE SOB O OLHAR IMPASSÍVEL DE SÍRIUS: O SIGNO LINGUÍSTICO DE SAUSSURE A BENVENISTE	23
2.1 Signo linguístico saussuriano	23
2.2 O signo linguístico benvenistiano	Erro! Indicador não definido.
2.3 Signos em tensão: Saussure e Benveniste, um encontro?	Erro! Indicador não definido.

CAPÍTULO TRÊS	23
Evocar a poesia: o signo poético e o dossiê baudelaire	24
3.1 O fôlio 12, fº 5/ fº 57	26
3.1.1 O signo poético, a palavra e a evocação	Erro! Indicador não definido.
3.2 A teoria da linguagem que encontra a teoria da literatura	Erro! Indicador não definido.
NOTAS PARA EVOCAR O ARCO E A LIRA: O POEMA É A LINGUAGEM ERGUIDA	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

DE ONDE NASCEM AS IDEIAS

*escrever poemas:
não se contentar com as línguas que se sabe
nem mesmo com as línguas que há
— Ana Martins Marques*

A poesia é a forma natural de convivência entre o homem; é ela *a busca de identidade da natureza humana na multiplicidade de signos* e o eixo que conjuga simbioticamente duas naturezas – a antropológica e a poética “linguagem primitiva”. Para Octavio Paz, poeta e crítico mexicano, em seu **O Arco e A Lira** (1982), são esses os contornos que a poesia assume. Parece, então, tratar-se de uma evidência de que é impossível uma cisão entre homem e linguagem, ou ainda, de que seja possível se falar na linguagem e na língua como "instrumentos", pois

falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclino-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 1995 [1958], p. 285)

De fato, a relação intersubjetiva é o princípio para a possibilidade de subjetivação do eu. A poesia, nesse sentido, lança luzes para o aspecto antropológico fundante da linguagem e presentifica o que enuncia o linguista sábio-francês Émile Benveniste ao dizer que a linguagem serve para viver bem antes de comunicar¹. Neste viés, a estética propiciada pela poesia, indissociada do pensamento político, dá espaço à fabulação do mito da origem da linguagem – se quisermos remontar um momento do homem separado da linguagem, Benveniste é claro: trata-se de pura ficção; entretanto, poderíamos imaginar o homem, que jamais se separou da linguagem, tenha uma forma única de convivência que elucida todas as facetas da língua: é poesia. Sendo o poético constitutivo da linguagem comum, poderíamos pensar que a poesia não só se amalgama com a própria definição do homem e do sujeito da linguagem, como também

¹ Émile Benveniste realiza esta afirmação em um artigo intitulado *A forma e o sentido na linguagem* (2006 [1966/1967]) originário de uma conferência proferida à filósofos – o que depõe sobre o fato de que o linguista nomeado “pai da teoria da enunciação” deixava-se interrogar não só pela poesia e pelo poema, como também por diversos domínios e unidades das ciências humanas.

circunda mutuamente a linguagem e o homem, sendo, portanto, o problema das “origens”, quer seja da linguagem, quer seja da poesia, do homem e da própria sociedade, antes um problema estético².

Cabe, assim, a licença para se fabular: teria a forma comum de convivência entrado em crise juntamente da experiência³? Poderíamos pensar que, se a estética ronda a questão, então, possivelmente, o homem que cantou, o homem que se fez aedo, fez-se griô, o homem que ousou fabular valeu-se da forma congruente de comunicar e expressar, própria e reveladora do homem e da linguagem. Assumo de partida que a poesia é, então, uma forma comum, nos termos do crítico mexicano, primitiva⁴ de convivência e comunicação. Mas o que é a poesia além da descrição da sua natureza antropológicamente fundamente? Paz (1982) indica que esta é uma pergunta a ser direcionada para o poema e, mais ainda, que “a unidade da poesia só pode ser apreendida através do trato desnudo com o poema” (PAZ, 1982, p. 16).

Paradoxalmente, Décio Pignatari afirma que “a poesia parece estar mais do lado da música e das artes plásticas” (PIGNATARI, 2005, p. 9) e “é um corpo estranho nas artes da palavra. É a menos consumida de todas as artes, embora pareça ser a mais praticada” (op. cit.). Entretanto, o tradutor e poeta concreto ressalta que são os poetas quem fundam culturas e, como entende Paz, é a poesia uma forma de comunicação elementar. É nesta altura da discussão que encontramos Émile Benveniste. Tanto pela biografia, quanto pela bibliografia, estamos diante de um linguista que não hesitou em perguntar ao poema não só *o que é a poesia* como também *qual é a condição da linguagem erguida em forma de poesia*, sobretudo pelo que acessamos de seu pensamento em suas notas manuscritas reunidas e transcritas por Chloe Laplantine sob o título de **Baudelaire** (BENVENISTE, 2011). Nesse viés, o pensar de Benveniste diante do poema oferece senão régua e compasso a quem se interessa pensar a poesia, o poema e a linguagem; oferece uma postura diante do poema e da linguagem poética: são eles, para o linguista sírio-francês, paralelamente, interrogantes e respostas e não simplesmente um *corpus* de análise, dados.

Colocando-nos diante do poema⁵, que não se confunde com a poesia, poderíamos, com Octavio Paz, questionar: há um dizer poético? O que dizem os poemas? Como se comunica

² Estético não se refere necessariamente ao que é belo, mas sim, em linhas gerais, àquilo que “afeta”, “sensibiliza”, “provoca uma experiência”.

³ Aludo Walter Benjamin (2012), que, em seu ensaio intitulado *O narrador* trata da crise da experiência atrelada ao narrar e ao avanço da informação.

⁴ Ênfase que “primitiva” aqui empregada deve ser entendida no escopo da crítica de Octavio Paz. Nesse sentido, não se trata de uma referência a um estado “anterior”, “inicial”, mas sim, como dito anteriormente, uma forma comum de convivência.

⁵ Os empregos, nesta introdução, dos termos “poema” e “poesia” baseiam-se na acepção de Paz.

esse dizer? Inevitavelmente há dizeres e fatos poéticos que “são poesia sem ser poemas” (PAZ, 1982, p. 16), porque uma certa linguagem poética pode ser apreendida em amplo aspecto para além do poema. O poético, explico-me, “é poesia em estado amorfo; o poema é criação, **poesia que se ergue**” (PAZ, 1982, p. 17, grifos meus). Todavia, é preciso frisar que é “no poema [que] a linguagem recupera sua originalidade primitiva, mutilada pela redução que lhe impõem a prosa e a fala cotidiana. A reconquista de sua natureza é total e afeta os valores sonoros e plásticos tanto como os valores significativos” (PAZ, 1982, p. 25 - 26). Enfim, “a poesia revela este mundo; cria outro” (PAZ, 1982, p. 15).

Ao aludirmos a poesia, o poema e o dizer poético, é de praxe que tocamos o mundo do discurso. Colocar-se diante do universo discursivo é, de um dos pontos de vista possíveis, pensar no humano no lugar de conversão da língua sistema. “Única é a condição do homem na linguagem” (BENVENISTE, 1995, [1958], p. 287), é o que diz Émile Benveniste ao comentar a posição do “eu” da enunciação, sempre em relação a um “tu”. Diante do poema, o dizer poético que me é central, a subjetividade que emerge de um “eu” e é empreendida é ainda mais única, não só por criações poéticas, neologismos etc, mas também porque “o poema não é uma forma literária, mas o lugar de encontro entre a poesia e o homem” (PAZ, 1982, p. 17). Nessa lógica, encarar o encontro entre a poesia e o homem é trazer à baila o problema da significação, visto que

[...] todas as obras desembocam na significação; aquilo que o homem toca se tingem de intencionalidade: é um ir em direção a... O mundo do homem é o mundo do sentido. Tolerância à ambiguidade, à contradição, à loucura ou à confusão, não a carência de sentido. O próprio silêncio está povoado de signos. [...] (PAZ, 1982, p. 23)

Com efeito, “que a linguagem significa quer dizer que a significação não é qualquer coisa que lhe seja dada por acréscimo ou, numa medida mais ampla, por uma outra atividade; é de sua própria natureza; se ela não fosse assim, não seria nada” (BENVENISTE, 2006 [1966/1967] p. 223 - 224). Ao lado da teoria da linguagem benvenistiana, a discussão sobre a significação entrelaça-se aos dois modos de ser língua – o mundo dos signos, domínio do semiótico, cuja unidade é o signo e que diz respeito à língua enquanto sistema – e o mundo do discurso, domínio do semântico, cuja unidade é a palavra na frase e que diz respeito à língua enquanto discurso.

Simultaneamente, encarar o problema da significação diante do poema é também uma possibilidade de encontrarmos as elucubrações de Ferdinand de Saussure, muito especialmente aquelas circunscritas na arbitrariedade do signo linguístico e na teoria do valor. Com Saussure, o arbitrário é primordial a ponto de, se colocado sob tensão, poder rasgar a significação – “a língua é comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se

pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro” (SAUSSURE, 2012, p. 159). Benveniste, enquanto leitor da obra de Saussure e leitor das interpretações feitas a partir das elucubrações saussurianas, percebe isso em sua crítica ao signo linguístico; diz-nos o linguista sírio-francês que o laço entre significante e significado não pode ser contingente, ele é necessário.

Encontrar a poesia, o poema, o dizer poético – que não se confundem, mas se imbricam – é encarar o discurso, que, por sua vez, propõe outra realidade e outra unidade que não aquelas do mundo do signo. “O poeta utiliza, adapta ou imita o fundo comum de sua época – isto é, o estilo de seu tempo –, porém, modifica todos esses materiais e realiza uma obra única”. (PAZ, 1982, p. 21). Dessa maneira, o dizer poético, por vezes, perturba o dizer “ordinário”, porque faz com a linguagem o que descreve o poeta mexicano: recupera sua originalidade primitiva, reconquista sua natureza total e afeta os valores sonoros, plásticos e significativos. A perturbação, cabe observar, não necessariamente tensiona a língua sistema – que é comum e ordinária – mas cria discursivamente uma “língua” impregnada de uma autoria acentuada – não é à toa que Benveniste refere-se à “língua de Baudelaire” ao explorar os poemas do poeta francês.

Benveniste diz-nos sobre a matéria do poeta que “é certo que o material linguístico / que o poeta usa é a do dicionário. Salvo / exceção rara, todas as palavras de Baudelaire, de Mallarmé, / estão individualmente no dicionário” (BENVENISTE, 2011, p. 444, 20, fº 12 / fº 206)⁶. Logo, a fronteira entre o trabalho do poeta e aquilo que faz parte do tesouro da língua reintroduz a discussão em torno do signo linguístico⁷ e da arbitrariedade, como dito, sob pena de comprometer a significação, bem como instiga a pensar como essa perturbação é acomodada nos dois modos de ser língua – o semiótico e o semântico. Com isso, enfim, encontramos o objeto desta pesquisa.

* * *

⁶ No original, lê-se: “il est bien certain que le matériel linguistique / dont le poète se sert est celui du dictionnaire. Sauf / exception rare, tous les mots de Baudelaire, de Mallarmé, / sont individuellement dans le dictionnaire.” (BENVENISTE, 2011, p. 444, 20, fº 12 / fº 206).

⁷ Não é sem certo constrangimento que recupero a discussão da significação da poesia e de suas unidades puxando o fio da meada do signo linguístico, haja vista os inúmeros estudos ligados ao poeta, linguista, tradutor e teórico da poesia, Henri Meschonnic, que justamente investem no contínuo do discurso, enquanto o signo seria o descontínuo. Justifico a insistência pelas próprias notas de Benveniste e pela insistência do linguista em demarcar a expressão “signo poético” nos fólhos. Em pesquisas futuras, caberia averiguar se o signo poético de Benveniste se comporta como o signo linguístico, isto é, instaura sua natureza descontínua ou se, em contrapartida, apresenta-se como parte do contínuo da linguagem.

Com este pequeno esboço da relação entre o poema, a poesia, o discurso e a teoria da linguagem de Émile Benveniste, anuncio o meu interesse nesta pesquisa: o discurso poético nas notas manuscritas do linguista sírio-francês sobre Baudelaire. Nesse sentido, encontro o objeto de pesquisa: o signo poético. Coloco-me ao lado de Benveniste como que para ouvi-lo em seu processo de trabalho: como pensa este linguista? O que ruma, recorre, reelabora, desfaz e refaz em sua teoria? É do interesse de se colocar ao lado de onde nascem as ideias⁸ e do entendimento de que uma “obra”, um pensamento já está acontecendo no momento de sua ruminação, que parte a curiosidade deste trabalho e, talvez, é este o ponto de vista dele que o justifique – um ensejo de que se coloque ao lado de para se pensar. Sendo assim, as perguntas que disparam a reflexão desta dissertação é: *como o signo poético pode ser entendido no manuscrito de Baudelaire? Considerando o debate sobre signo linguístico nas obras de Saussure e Benveniste, como pensar o signo poético?*

Haja vista as perguntas de pesquisa, o objetivo geral deste estudo é *investigar no manuscrito Baudelaire como podem ser entendidos, considerando o pensamento inacabado do linguista, a significação e o funcionamento do signo poético*. A partir daí, procuro especificamente: a) verificar como estudiosos exploraram as notas manuscritas de Baudelaire para destacarem noções e conceitos chaves nessas notas, a partir dos quais tenho o propósito de construir um ponto de vista para este trabalho; b) compreender como o signo é concebido na teorização benvenistiana levando em consideração termos e noções relacionadas em textos do linguista, como também em relação à noção de signo saussuriana e, finalmente, c) analisar como o signo poético é concebido por Benveniste a partir de um exame das notas do dossiê Baudelaire.

Laplantine comenta que, ao se debruçar pela primeira vez nas notas sobre Baudelaire, “elas eram, de certo modo, ilegíveis para mim, pois me faltava o ponto de vista para lê-las.” (TEIXEIRA; FLORES; LAPLANTINE, 2013, p. 224). Cometida por uma dúvida análoga a da linguista – a de como adentrar nos manuscritos – tomei a publicação dos manuscritos organizada por Laplantine e a li despretensiosamente – como se folheasse um bloco de notas esquecido sobre uma mesa; desse olhar despretensioso de quem revisita notas, surgiu uma interpelação de um dos fólhos. Trata-se do fólho fº 5 / fº 57. Eis uma entrada possível, do meu ponto de vista, de leitura nas notas que versam sobre a poética de Baudelaire. Na nota supracitada, encontra-se uma reflexão embrionária sobre o “signo poético” e a mudança de

⁸ O uso da expressão “De onde nascem as ideias”, faz referência à série documental do canal Curta! que explora o processo de criação de diversos artistas e pesquisadores da arte brasileira.

perspectiva do significante e do significado; o que tomou a atenção, especialmente, foi uma noção que é familiar à obra de Benveniste: a de evocação.

Todavia, para além de uma chave de leitura para adentrar nos manuscritos, é preciso critérios que orientem a leitura epistemológica. Flores (2013) propõe que há duas formas de investigação das notas manuscritas presentes em **Baudelaire**: por uma via conceitual e por uma via metodológica. Este trabalho está circunscrito no primeiro eixo, o ponto de vista que busca “depurar conceitos que norteiam a reflexão de Benveniste” (FLORES, 2013, p. 183). Acerca do método de exploração das notas, Fenoglio (2019) adverte que estas não podem ser estudadas sem que sejam classificadas e ainda ressalta que “[...] não podemos interpretá-las sem colocá-las em relação com outros documentos” (FENOGLIO, 2019, p. 216). Nessa perspectiva, a classificação dos fôlios dada pela linguista e geneticista francesa é de duas ordens: notas de levantamento de dados e notas reflexivas, sendo a última dividida em dois eixos: notas atreladas a Baudelaire e notas atreladas à formulação teórica.

Seguindo as proposições de Flores (2013) e Fenoglio (2019), o percurso teórico-metodológico⁹ a ser desenvolvido diz respeito a um estudo intrateórico; a entrada no manuscrito se dará pelo viés conceitual, cujo critério é a noção de signo poético à noção de *evocação*, seguido das ideias de *significação* e de *funcionamento*. Por conseguinte, as notas que interessam em especial são as reflexivas ligadas às formulações teóricas. Em suma, trata-se da construção de uma metodologia própria, com vistas nos objetivos de pesquisa, que possibilite a entrada nas notas manuscritas de Émile Benveniste.

A leitura das notas aqui empreendida é a de quem se deixou interrogar pelo pensamento inacabado de Émile Benveniste; e, mais do que isso, uma leitura que se deixou interrogar com um interesse cartográfico no processo de teorização de Benveniste, mas que também se interessa pela reflexão teórica já consolidada do linguista, muito especialmente o seu debate sobre o signo saussuriano. Isso posto, no primeiro capítulo deste trabalho, nomeado *Dissemelhantes mas tangentes: a composição de um pensamento ou um itinerário de leitura*, considero a importância da revisita a outros estudos que já tomaram o dossiê Baudelaire como objeto de estudo. Preocupo-me aqui em entender as chaves de leitura utilizadas pelos pesquisadores, como também suas análises.

⁹ Uma advertência se faz necessária: mesmo que lance mão da organização proposta por Fenoglio (2019), não é do ponto de vista da genética textual que abordarei as notas manuscritas.

No segundo capítulo, *Não somente sob o olhar impassível de Sírius: o signo linguístico de Saussure a Benveniste*, tenho por intenção mobilizar a noção de signo linguístico de Ferdinand de Saussure, colocada em relação com a reflexão proposta por Émile Benveniste. Nesse sentido, noções e conceitos relacionados, a exemplo de língua e discurso, são trazidos para a cena para lançar as bases da discussão benvenistiana que permitirão a entrada nos manuscritos presentes no dossiê Baudelaire.

No terceiro capítulo, *Evocar a poesia: o signo poético e o dossiê baudelaire*, ocupo-me do manuscrito do linguista sírio-francês, tendo como ponto de partida o fôlio fº 5 / fº 57, que apresenta uma ruminação¹⁰ sobre o *signo poético* e sua propriedade de evocação. À vista disso, busco compreender como funciona e como significa o *signo poético* no fôlio referido e em outros fôlios que estabelecem relação com a discussão proposta, assim como entender também a propriedade de *evocação* proposta por Benveniste.

Gostaria, enfim, que este trabalho fosse despretensiosamente um registro da memória, uma insistência em ruminar ao lado de Benveniste. Parece que “não há sociedade sem poesia, mas a sociedade nunca pode se realizar como poesia, nunca é poética” (PAZ, 1982, p. 310). Se a sociedade não pode se realizar como poesia, poderia a língua se realizar poeticamente? Por que ainda insistir na poesia? Pois “uma sociedade sem poesia careceria de linguagem: todos diriam a mesma coisa ou ninguém falaria, sociedade transumana em que todos seriam um ou cada um seria um todo auto-suficiente” (PAZ, 192, p. 310). A língua, então, se mostra como uma possibilidade de existência da poesia e da sociedade e, com isso, reforça o convite para que seja interrogada sobre esses domínios.

Enfim, valho-me, nesta dissertação, da despretensão de “tomar nota”, associada à natureza do objeto de investigação, e compartilho notas de pesquisa e leitura. Notas que registram um pensamento em curso; diria-nos Fenoglio (2019), notas como suporte de uma memória, notas reflexivas, notas fragmentárias, notas ruminativas que são suporte e cartografia deste estudo. Paz diz que “nada do que se afirma aqui deva ser considerado como mera teoria ou especulação, pois constitui o testemunho do encontro com alguns poemas” (PAZ, 1982, p.

¹⁰ Ruminar, na perspectiva de Fenoglio (2019), observa insistências enunciativas, a exemplo de rasuras, reescritas, retomadas etc. Em um primeiro momento, aproximei-me deste procedimento, entretanto, afasto-me dele na medida em que me interesso por um outro ruminar, a saber, o ruminar “cartográfico” presente nas notas de Émile Benveniste, conforme mencionado anteriormente. Por isso, a expressão *ruminar*, se for doravante empregada neste trabalho, não está restrita ao método da linguista e geneticista textual francesa.

30). Diria, enfim, que o que aqui se apresenta é um encontro com o encontro de Benveniste com a poesia, com o que parece ser a forma essencial de convivência entre o homem.

CAPÍTULO UM

Dissemelhantes mas tangentes: a composição de um pensamento ou um itinerário de leitura

Poesia é a arte do anticonsumo. A palavra “poeta” vem do grego “poietes = aquele que faz”. Faz o quê? Faz linguagem. E aqui está a fonte principal do mistério”
— Décio Pignatari

Neste capítulo, proponho visitar trabalhos já publicados acerca do dossiê Baudelaire. Para situar o leitor, antes de adentrar nos estudos, apresento brevemente o manuscrito Baudelaire, para, na sequência, encarar a crítica dos manuscritos.

Os estudos podem ser divididos em dois argumentos, personificados por duas pesquisadoras, Chloé Laplantine, ligada à poética do discurso, e Irène Fenoglio, ligada ao estudo genético de manuscritos. Trata-se, em suma, de duas perspectivas dissemelhantes, mas com pontos tangentes que se emulam no estudo dos manuscritos de Émile Benveniste. Além disso, interessa igualmente demonstrar a maneira como operam as leituras realizadas em pesquisas brasileiras ligadas ao dossiê para perceber como constituem o seu ponto de vista de pesquisa e quais questões dali emergem. Por fim, em um esforço de coadunação das arestas, apresento a composição do meu ponto de vista para a leitura das notas de Benveniste guiada pelos pontos de congruência das pesquisas supracitadas.

A intenção¹¹ não é esgotar os estudos, mas realizar uma vista d’olhos, friccionando e formando um andaime para, ao final, alcançar a síntese que a fricção produz para compor o ponto de vista desta pesquisa e seus operadores de leitura. Para isso, a organização disposta é percorrer as propostas francesas de leitura e, em seguida, em ordem hierárquica, isto é, de questões macro até questões específicas da teoria de Benveniste, as leituras brasileiras.

¹¹ Cabe elucidar que há trabalhos de artigos, teses, capítulos, livros e apresentações de livros. Para explicar a fluidez dos critérios de não optar por apenas um gênero textual publicado, apelo justamente para a evidência – as publicações se deram em diversos formatos e me fiz escutar o máximo possível acerca dos trabalhos publicados. Por organização optei por utilizar apenas uma publicação de cada autor(a), no caso dos estudos brasileiros, para percorrer por otimização – por se tratar de um mesmo autor, importa mais ter notícia de qual o ponto de vista ele instaura para ler as notas do que o número de vezes que isto foi aplicado.

CAPÍTULO DOIS
NÃO SOMENTE SOB O OLHAR IMPASSÍVEL DE SÍRIUS: O SIGNO
LINGUÍSTICO DE SAUSSURE A BENVENISTE

*O que quer
O que pode esta língua?
— Caetano Veloso*

Flores (2019), ao comentar sobre o problema do signo linguístico, diz que a utilização da noção de *signo* “e das muitas noções nele implicadas, não é sem consequências para quem o faz” (FLORES, 2019, p. 355). Diante disso, a adoção do termo implica uma atitude que, a depender da perspectiva em que é concebida, toma, inevitavelmente, gestos epistemológicos distintos. Logo, neste capítulo, proponho visitar brevemente o signo linguístico saussuriano para compreender a crítica de Émile Benveniste e os efeitos dessa crítica na teoria da linguagem benvenistiana.

Para isso, revisito o que se acessa da escuta das elucubrações Ferdinand de Saussure sobre o signo linguístico em sua obra póstuma, a saber, o **Curso de Linguística Geral** (CLG)¹², para, em seguida, abordar a presença do signo linguístico em trabalhos dos *Problemas*, de Émile Benveniste. O intuito do movimento realizado é fornecer bases para a compreensão de como o linguista sírio-francês pensa o signo em seus textos editados. Por fim, com vistas na sistematização e debate, apreendo as concepções e as implicações da noção de signo linguístico no cabedal teórico de Benveniste, bem como a sua relação com Saussure para, posteriormente, estabelecer relações com as notas manuscritas.

¹² Doravante, *Curso*.

CAPÍTULO TRÊS

Evocar a poesia: o signo poético e o dossiê baudelaire

O poema é um ser de linguagem. O poeta faz linguagem, fazendo poema. Está sempre criando e recriando a linguagem. Vale dizer: está sempre criando o mundo. Para ele, a linguagem é um ser vivo, O poeta é radical (do latim, radix, radicis = raiz): ele trabalha as raízes da linguagem. Com isso, o mundo da linguagem e a linguagem do mundo ganham troncos, ramos, flores e frutos. É por isso que um poema parece falar de tudo e de nada, ao mesmo tempo. É por isso que um (bom) poema não se esgota: ele cria modelos de sensibilidade. É por isso que um poema, sendo um ser concreto de linguagem, parece o mais abstrato dos seres. É por isso que um poema é criação pura — por mais impura que seja. É como uma pessoa, ou como a vida: por melhor que você a explique, a explicação nunca pode substituí-la.

— Décio Pignatari

Octavio Paz (1982) entende que a palavra, em poesia, para além de significar, constrói e evoca imagens. Diz-nos o crítico que

Ser ambivalente, a palavra poética é plenamente o que é – ritmo, cor, significado – e, ainda assim, é outra coisa: imagem. **A poesia converte a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens. E essa segunda característica, o fato de serem imagens, e o estranho poder de suscitarem no ouvinte ou no espectador constelações de imagens, transforma em poemas todas as obras de arte.** (PAZ, 1982, p. 27, grifos meus)

A proposta do que o que a poesia faz com a linguagem e a capacidade de criar imagens com palavras, sons e ritmos, parece, timidamente, deixar transparecer uma peculiaridade da linguagem poética: a sua capacidade de evocar. Segundo o **Grande Dicionário Houaiss**¹³, *evocar* significa “1. chamar (algo, ger. sobrenatural), fazendo com que apareça” ou ainda “2. tornar (algo) presente pelo exercício da memória e/ou da imaginação; lembrar”; ao passo que *evocação*, dito de outro modo, a “ação de evocar” é definida como “1. resgate voluntário feito pela memória; recordação” e “2. tentativa de atração de (espíritos, seres, almas etc.) em rituais ou cerimônias específicas ou não”. Já, segundo o **Larousse**, *évoquer* quer dizer¹⁴ “1. fazer aparecer espíritos, demônios por meio de orações, encatamentos e feitiços: evocar a alma dos mortos” e “2. trazer algo à memória, falar sobre isso: evocar memórias da juventude” (traduções

¹³ As definições apresentadas encontram-se disponíveis no site online do **Grande Dicionário Houaiss** vinculado ao portal Uol e no site do **Larousse** monolíngue. Os direcionamentos para os links de acesso estão dispostos nas referências bibliográficas.

¹⁴ Em original, no dicionário Larousse, lê-se: “1. Faire apparaître des esprits, des démons par des prières, des incantations, des sortilèges : Évoquer les âmes des morts. 2. Rappeler quelque chose au souvenir, en parler : Évoquer des souvenirs de jeunesse”.

minhas); enquanto *évocation* é definida como “1. chamada aos espíritos para aparecerem lançada pelo mago em forma de ritual [...]” e “2. ação de recordar algo esquecido, trazer de volta ao espírito memórias do passado”¹⁵ (traduções minhas). Por esse viés, em se tratando da palavra poética¹⁶, poder-se-ia questionar: o que é evocado por ela? O que se torna presente? Seria a própria linguagem? Seria a própria língua? Seriam imagens criadas por meio de palavras? O que tudo isso revelaria sobre a reflexão geral sobre a língua e a linguagem? Qual a relação entre a palavra poética, a linguagem religiosa, a magia e o fazer algo se torna presente não apenas de forma performativa, conforme sugere traz à baila a definição em francês?

Corroborando com as interpelações que surgem, Paz diz que “o fato de serem imagens leva as palavras, sem que deixem de ser elas mesmas, a transcenderem a linguagem, enquanto sistema dado de significações históricas. O poema, sem deixar de ser palavra e história, transcende a história” (PAZ, 1982, p. 28). Assim, a relação do poema com o próprio enigma de como a linguagem simboliza e como a língua significa torna-se uma provocação a ser observada quando se pensa naquilo que faz do poema, de fato, um poema.

Na mesma esteira, Décio Pignatari formula que “o poeta não trabalha com o signo, o poeta trabalha com o signo verbal” (PIGNATARI, 2005, p. 11). Vê-se, portanto, que os caracteres, a unidade e o funcionamento do poema ocupam as preocupações da teoria da literatura. Tal desassossego encontra direcionamento no próprio poema e não requer que se busque objetos externos à própria construção poética da linguagem para se explicar; isso porque “[...] a leitura de um só poema nos revelará, com maior certeza do que qualquer investigação histórica ou filológica, o que é a poesia” (PAZ, 1982, p. 28). É o próprio poema, então, que revela a sua natureza, o seu funcionamento, a sua maneira de significar e de construir imagens. Logo, quem medite sobre isso, não pode ignorar os próprios poemas como um contínuo interpelante e, concomitantemente, resposta para as próprias perguntas que emanam.

É desse ponto de vista, aquele que encara o poema como uma questão e, paradoxalmente, como um caminho para encontrar respostas, em que está um linguista – Émile Benveniste. Para pensar sobre a linguagem poética, o poema e a poesia, o procedimento utilizado pelo linguista sírio-francês é precisamente este e está registrado em suas notas manuscritas: ler poemas. Benveniste lê atentamente a poesia baudelariana, toma notas, sublinha

¹⁵ No original, lemos: “1. Appel à comparaître lancé par le magicien dans des formes rituelles à des esprits ; cette comparution même. 2. Action de rappeler quelque chose d'oublié, de rendre présents à l'esprit des souvenirs : L'évocation des années passées”.

¹⁶ Relembro, com fim de elucidar a oscilação terminológica desta seção entre as noções de “palavra poética” e “signo poético”, que a ideia de “palavra poética” advém do crítico mexicano Otavio Paz, enquanto “signo poético” é oriundo de Émile Benveniste. O movimento realizado, então, introduz a discussão de Benveniste ao mesmo tempo em que o aproxima das propostas do campo da teoria literária.

verbos, encontra um universo imagético, uma poiésis arquitetada por Charles Baudelaire. O linguista sírio-francês parece estar diante da máxima de Delfos:

Eis que se reanima em nossa memória a fala límpida e misteriosa de Heráclito, que conferia ao Senhor do oráculo de Delfos o atributo que nós colocamos no âmago mais profundo da linguagem: *Oute légei, oute krytei, alla semaínei*. “Ela não diz nem oculta, mas ela significa. (BENVENISTE, 2006 [1966], p. 234, itálicos do autor).

É diante da leitura de poemas, conforme testemunha o dossiê Baudelaire, que o linguista deriva questionamentos sobre questões gerais de Linguística e que se torna possível problematizar a língua e a linguagem. Assim sendo, a partir da crítica de Émile Benveniste sobre o signo linguístico saussuriano e da compreensão das implicações desse debate na teoria da linguagem benvenistiana, neste capítulo, concentro-me na leitura das notas manuscritas compiladas no dossiê baudelaire¹⁷. A chave de leitura disposta diz respeito ao *signo poético* atrelada à *palavra*, noções essas implicada em algumas notas de Benveniste¹⁸. Sendo assim o procedimento a ser realizado é aquele de compreender a noção, tendo como ponto de partida o fólio 12, f° 5 / f° 57 e colocando-o em relação com demais as demais notas a fim de compreender como se organiza e significa o signo poético. O ponto de chegada da reflexão culmina na ideia de que a linguagem poética tem como um dos seus princípios a *evocação*.

¹⁷ Destacamos a oscilação terminológica bastante presente na obra de Benveniste. Por isso, as expressões linguagem ordinária (comum) e linguagem poética oscilam, respectivamente, com língua ordinária (comum) e língua poética. Respeitaremos essa oscilação sem fechar o pensamento do linguista, mas como a linguagem, para o linguista, é uma propriedade simbólica que possibilita às línguas significarem, possivelmente, a relação que o linguista estabeleça seja entre língua ordinária e língua poética, conforme será visto mais adiante em três fólios, isto é, o fólio f°11 f°184, o fólio f°14 f°208 e o fólio 22, f°1 / f°253.

¹⁸ Como dito anteriormente, outras noções compareceram por estarem relacionadas as chaves de leituras eleitas, à exemplo da noção de língua poética, linguagem poética, evocação etc.

NOTAS PARA EVOCAR O ARCO E A LIRA: O POEMA É A LINGUAGEM ERGUIDA

Si le primat est donné au discours, il en apparaît qu'il n'y a pas de discours ordinaire: tout discours est particulier.
— Henri Meschonnic

É tempo de cessar de tomar notas.

Neste estudo, ocupei-me do que Émile Benveniste nomeia como a língua poética, procurando dissecar seu funcionamento e sua significação por meio da chave de leitura de *signo poético*, atrelada à ideia de *evocação*. Diante disso, as perguntas que conduziram esta reflexão foram: *como o signo poético pode ser entendido no manuscrito Baudelaire? Considerando o debate sobre signo linguístico, nas obras de Saussure e Benveniste, como pensar o signo poético?* Na busca por respondê-las, este trabalho fora organizado em três partes, sendo a primeira *Dissemelhantes, mas tangentes: a composição de um pensamento ou um itinerário de leitura*, a segunda *Não somente sob o olhar impassível de Sírius: o signo linguístico de Saussure e Benveniste* e a terceira *Evocar a poesia: o signo poético e o dossiê baudelaire*.

No primeiro capítulo, reli pesquisas que já haviam adotado o dossiê baudelaire como objeto de pesquisa e procurei entender as chaves de leitura mobilizadas por pesquisadores do campo. Já no segundo capítulo, mobilizei a noção saussuriana de signo linguístico em paralelo com a reflexão proposta sobre a arbitrariedade do signo linguístico de Émile Benveniste; o intuito dos dois primeiros capítulos era, então, constituir um ponto de vista teórico-metodológico que propiciasse a entrada nos manuscritos benvenistianos. Finalmente, no terceiro capítulo, coloquei-me ao lado do “ruminar” de Benveniste em suas notas, tendo como ponto de partida o fólho f° 5 / f° 57.

No capítulo terceiro, sendo assim, assumi especialmente a inquietação das flutuações terminológicas benvenistianas como parte do procedimento de leitura e de formulação de uma proposta de teoria da linguagem que também diga respeito à teoria da literatura. O que se registrou em tal percurso foi o fato de Émile Benveniste abandonar a noção de signo poético e introduzir a noção de *mots* – ou ainda, mais especificamente, *mot en poésie*, a exemplo dos fólhos 22, f°22 / f°274 22 e f°25 / f°277 – para pensar a língua poética e o signo poético. O movimento justifica-se, ao acompanharmos a constituição do raciocínio para sempre inacabado

do linguista sírio-francês, porque ver-se-á que, em poesia, o princípio não será mais o signo, mas o todo que é regido por um princípio geral, qual seja, a evocação. Com isso, percebe-se que Benveniste pormenoriza a língua poética e seus caracteres em oposição à língua ordinária, colocando-as em uma situação sempre fronteira.

Desse modo, recupero o objetivo geral desta pesquisa que foi *investigar no manuscrito Baudelaire como podem ser entendidos, considerando o pensamento inacabado do linguista sírio-francês, a significação e o funcionamento do signo poético*. A leitura realizada das notas manuscritas de Benveniste dá-nos algumas pistas de como entender, finalmente, a significação e o funcionamento do signo poético, ou, como sublinhei no processo de investigação das notas, considerando a bricolagem terminológica de Émile Benveniste, da língua poética e da palavra. A ruminação de Benveniste para aproximar-se da concepção de que o signo poético se configura de maneira materialmente idêntica ao signo linguístico, entretanto, a dupla significante e significado torna-se insuficiente para dar conta da dimensão do signo poético, justamente porque forma e sentido engendram-se distintamente em relação à dupla significante e significado, descrição conhecida do signo linguístico saussuriano. Diante de tal problemática, o linguista sírio-francês sugere que a díade proposta por Ferdinand de Saussure torna-se insuficiente para a compreensão da composição do signo poético, precisando ser repensada de forma trina ao se identificar a propriedade de *evocação* da língua poética. A propriedade evocativa, por sua vez, não é uma característica suplementar a ser acrescida ao domínio semiótico, mas sim uma faculdade individual e específica (DESSONS, 2006).

Por esse prisma, compreende-se que a significação passa por “evocar uma realidade”. Isso porque o signo poético, Benveniste ainda dirá, a palavra, engendrado no funcionamento do discurso poético, evoca uma “realidade” criada pela sensibilidade e pela emoção, o que se atrela à experiência poética. Está-se, enfim, diante da língua de um só poeta, que não envolve somente o partilhado socialmente.

Este estudo, enfim, esperou contribuir com os estudos da linguagem desenvolvidos a partir da teoria da linguagem benvenistiana que propõem uma interlocução com os estudos literários visando uma teoria da linguagem que possa ter efeitos em uma teoria da literatura. Enfim, o contraste estabelecido por Émile Benveniste entre a língua poética e a língua ordinária faz lembrar a antagonia presente no título da obra que abriu este trabalho, **O arco e a lira**, de Octavio Paz (1982). Isso porque é Apolo, deus do sol, da poesia e da música que carrega consigo um arco que, paradoxalmente, é uma lira. Assim parece ser a língua para o homem – o manusear das cordas determina se estamos diante de um arco ou de uma lira. A poesia, finalmente, é a linguagem que se ergue, que se evoca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 4ª edição. Campinas: Pontes Editores, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. 2ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2006.

_____. **Baudelaire**. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges: Lambert-Lucas, 2011.

BOUQUET, Simon. **Introduction à lecture de Saussure**. Paris : Éditions Payot & Rivages, 2007.

DESSONS, Gérard. Pour une sémantique de l'art. *In*: ARRIVÉ, Michel; NORMAND, CLAUDINE (orgs.) **Émile Benveniste. Vingt ans après** (p. 327-333). Disponível em: <<https://journals.openedition.org/linx/1077?lang=en>>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions IN PRESS, 2006.

DESSONS, Gérard. La place du poème dans la théorie du discours. *In*: MARTIN, S. **Émile Benveniste : pour vivre langage**. Mont-de-Laval: IUFM Basse-Normandie, 2009.

EVOCAR. *In*: **Grande Dicionário Houaiss**. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

EVOCAÇÃO. *In*: **Grande Dicionário Houaiss**. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

ÉVOQUER. *In*: **Larousse**. Disponível em: <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/%C3%A9voquer/31905>>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

ÉVOCATION. *In*: **Larousse**. Disponível em: <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/%C3%A9vocation/31891>>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges (orgs). Por que ainda ler Saussure? *In*: **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de Linguística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

GADET, Françoise. **Le signe in Saussure: une science de la langue**. 3ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

JAKOBSON, Roman Osipovich. **Linguística e poética**. In: _____. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

LAPLANTINE, Chloé. **Présentation**. In: _____. **Baudelaire**. Présentation et transpion de Chloé Laplantine. Limoges: Lambert-Lucas, 2011.

KNACK, Carolina. O discurso poético como um “problema linguístico” nas notas de Benveniste: percursos metodológicos para a abordagem da significação. In: *Fragmentum, Santa Maria*, n. 56, p. 123-145, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2179219448027>>. Acesso em 01 de agosto de 2022.

NEUMANN, Daiane. Dossiê Baudelaire: o encontro da poética de Benveniste com a poética de Meschonnic. In: *Fragmentum, Santa Maria*, n. 56, p. 147-162, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2179219448271>>. Acesso em 01 de agosto de 2022.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S.; PARLATO, E.; RABELLO, S. **O falar da linguagem**. São Paulo: Editora Lovise, 1996.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. *Letras*. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, n. 33, 2007, p. 13-20. <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11920/7341>>. Acesso em: 23 de julho de 2021.

MILNER, Jean-Claude. **El periplo estructural : figuras y paradigmas**. 1. ed. Amorrortu, Buenos Aires, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEVERO, Renata. Saussure e Benveniste; signo linguístico, referência e linguagem poética. In: *Cadernos do IL, Porto Alegre*, nº 44, junho de 2012. p. 239-258. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/27467>>. Acesso em 6 de maio de 2022.

SILVA, Fernando Silva e. Benveniste e Baudelaire: linguística e poesia. In: *Non Plus, Ano 1*, nº 02 / Jul. » Dez., 2012, p. 49-60. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-3976.v1i2p49-60>>. Acesso em 01 de agosto de 2022.

STAROBINSKI, Jean. **As palavras sob as palavras**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

STUMPF, Elisa Marchioro. Saussure e Benveniste: ultrapassagem ou rompimento?. In: *ReVEL*, vol. 8, n. 14, 2010. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_14_saussure_e_benveniste.pdf>. Acesso em: 23 de julho de 2021.

TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir do Nascimento; LAPLANTINE, Chloé. Émile Benveniste em direção a uma poética do discurso. In *Calidoscópio*, vol. 11, n. 2, p. 222-225, mai/ago 2013.

VIER, Sabrina. **Quando a linguística encontra a linguagem: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária**. Tese

(Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2016.

PAZ, Octavio. **O arco e lira**. 2ª edição. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. 8ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

ANEXO A - Transcrição diplomática do fólio 12, f° 5/ f° 57 por Chloé Laplantine

BAUDELAIRE, 12, f°5

f°57

Papier blanc un peu épais, l=13,8, h= 21, stylo à bille noir, phrase au milieu ajoutée au stylo à bille rouge.

Forme et sens se distribuent autrement

en poésie que dans le langage ordinaire.

Il faut partir du niveau du signe .

Le signe poétique est bien, matériellement, identique au signe linguistique. Mais la décomposition du signe en signifiant-signifié ne suffit pas : il faut y ajouter

une dimension nouvelle, celle de l'évoocation :
 qui réfère
~~non à la 'réalité'~~ non à la 'réalité' (concept du langage ordinaire) mais à la 'vision poétique de la réalité'

Ainsi au rapport $\left. \begin{array}{l} \text{signifiant} \\ \text{signifié} \end{array} \right\} \begin{array}{l} \sim \text{réfèrent} \\ \text{évoquant} \\ \text{évoqué} \sim \text{émotion} \\ \text{initiale} \end{array}$
 le langage poétique ajoute (ou substitue)

Il faudrait alors un terme nouveau qui serait pour le langage poétique ce que « signe » est au langage ordinaire. Je proposerais :

éicasse (ἐἰκάσμα) éicastique (ἐἰκαστικός)
 Un éicasse se décomposerait en $\left. \begin{array}{l} \text{évoquant} \\ \text{évoqué} \end{array} \right\} \begin{array}{l} \text{éicassant} \\ \text{éicassé} \end{array}$